

ALVORADA

Revista de letras

Anno I

THERESINA

—30—setembro—09.—

PIAUHY

Num. 6

Informações

A *Alvorada* apparece nos dias 15 e 30 de cada mez e não publica materia paga si-
não nas paginas reservadas aos annuncios.

A *Alvorada* assigna-se:

Por mez—capital—1\$000. Tres mezes—fóra—3\$500. Numero avulso—\$500.

PAGAMENTO ADIANTADO

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a Jonathas Baptista, redactor-
secretario—rua Dr. Alvaro Mendes—num.—59.

Endereç telegraphic—Alvorada.

A redacção não se responsabiliza pelas idéas defendidas nesta revista pelos seus
collaboradores.

Acceitam-se annuncios, mediante previo ajuste e pagos adiantadamente.

ALVORADA

Guimaraens Passos



DECIDIDAMENTE
vamos atravessan-
do uma época fatal,
em extremo, para as
letras brasileiras.

Ainda ha poucos dias registrámos,
nestas paginas, a morte tragica de
Euclydes da Cunha, o vigoroso pro-
sador d' *Os Sertões*; e, já agora, temos
que nos occupar do desapareci-
mento de um outro grande intellec-
tual patricio—Guimaraens Passos,
fallecido no dia 11 deste mez, em
Pariz.

Como Bilac, Raimundo Correia,
Alberto de Oliveira—o illustre ex-

tincto era um dos mais lidos e fes-
tejados poétas nacionaes.

Assuas produções, leves, har-
moniosas, muito dôces mesmo, por-
que elle fôra um sentimental, sem
ser um choramingas, e um artista,
sem a tortura do «extravagante» e
do «novo»; as suas produções, como
iamos dizendo, ahí estão, espalha-
das pelos jornaes do sul e do norte,
ou enfeixadas em volumes—com
especialidade, nesses dois livros a-
mados que são *Horas mortas* e *Versos
de um simples*—formando tudo, em
conjuncto, ou mesmo isoladamente,
muitas dellas, um honroso attesta-
do do seu alte e indiscutivel mere-
cimento.

Vem de longe o tirocinio literario de Guimaraens Passos.

Antes ainda da proclamação da Republica, já naquella bello e tormentoso tempo que o estylo fluente de Coelho Netto faz reviver nas paginas immorredouras d'*A Conquista*, o cantor de *Maria* tinha, em evidencia, o seu nome, e era apontado como poéta de largo futuro, autor de lindos e admiraveis versos, como estes do *Lenço*, o mesmo e delicioso *Lenço* que todos nós sabemos de còr, mas que não podemos resistir ao desejo de transcrever aqui:

«Esse teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'ò, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

«Luto, contudo, a procurar quem certo
Possa nisto servir-me de correio;
Tu nem calculas qual o meu recio,
Se, em caminho, te fosse o lenço aberto...

«Porém, ó minha vivida chimera!
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que, emfim, verás em tremulos adejos,

«Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando
Pando, enfiado, concavo de beijos.»

Filho de Alagôas, Guimaraens Passos, muito novo ainda, fixara residencia no Rio, tendo iniciado a sua vida nas letras (e na bohemia, porque elle fôra tambem um bohemio incorregivel) ao lado dos maiores e mais promettedores talentos daquella época,—Patrocínio, Aluizio e Arthur Azevedo, Pardal Mallet, Bilac, Coelho Netto, Luiz Murat, o Ney, e tantos outros—uma geração completa de eleitos, a quem se deve o progresso intellectual do Paiz de alguns annos a esta parte.

A critica nacional sagrou-o, logo com a publicação do seu primeiro livro de versos.

E quando se levou a effeito a fundação da *Academia Brasileira de Letras*, Guimaraens Passos teve o seu logar de honra naquella alta corporação, figurando como um dos seus fundadores.

Póde-se dizer, portanto, que o

poéta attingira, assim, á suprema victoria, vendo devidamente avaliado o seu alto merito de fino e delicado cultor das musas.

Mas a actividade de Guimaraens Passos não o deixou adormecer sobre os louros das conquistas obtidas. Apezar de sua vida de extravagancia, elle deixou-nos muita cousa, muitas obras onde palpita, com toda intensidade, a força viva do seu invejavel talento.

De collaboração com Olavo Bilac, o seu nome figura tambem como autor de um excellente tratado de versificação, um trabalho impecavel no genero e na fórmula.

Deve-se ainda aos seus esforços a feitura de um magnifico *Diccionario de rimas*, o mais completo até hoje publicado em lingua portugueza.

Como jornalista, o saudoso morto tem tambem a sua historia, brilhante e honrosa, nos annaes da imprensa do Rio.

Mas, em verdade, eis o que elle foi por excellencia: um optimo, um legitimo poéta.

Sim, a poesia de Guimaraens Passos seduz, agrada, fala ás nossas almas, «evocando sonhos mortos», pintando quadros suggestivos e eternos da vida e do amor: nella se descobre, palpitante e meigo, o espirito apaixonado do grande poéta bohemio.

E elle tinha certeza disso, quando gravou no alto das *Horas mortas* esta verdade arrancada a *Os Heroes*, de Carlyle: *Se um livro vem do coração, encontrará meios de chegar a outros corações.*

Com effeito, os versos das *Horas mortas* chegam, facilmente, ao nosso intimo, enchendo-nos de uma suave emoção que difficilmente se poderá extinguir.

Vejamos, por exemplo, esta estrophe de *Dhulia*:

«Em teus olhos uma alma carinhosa,
Das cousas innocentes companheira,
Aparecia rindo e, descuidosa,
Debruçava-se nelles, tão na beira,
Que eu ouvia uma voz mysteriosa,
Que ainda leve escutando a vida inteira.»

Estes tercetos, do *Eu, peccador*:

«Tu vês o inferno quando eu vejo a aurora,
E nos teus olhos, onde a dor se imprime,
Deus me acena, formosa peccadora.

«Bradas ao céu de medo, e aos ceus eu brado:
Tu—pedindo perdão para o teu crime,
Eu—pedindo que augmente o teu peccado!»

Não precisamos, porém, levar muito adiante as citações. Não. Basta, para terminar, este pedaço da *Casa branca da serra*, deliciosa *barcarola*, que ha mais de oito annos corre mundo repetida de bocca em bocca, nos salões, nas esquinas e nas serenatas, ao luar:

«Nunca te visse eu, formosa,
Nunca contigo falasse!
Antes nunca te encontrasse
Na minha vida enganosa!
Porque não se abriu a terra,
Porque os ceus não me puniram,
Quando meus olhos te viram
Na casa branca da serra?»

Quanta belleza! Quanto sentimento!

E já não existe o poeta de tão

lindas estrophes! Longe da patria foi elle encontrar a morte, agora, justamente neste bello mez de setembro, que tantos versos lhe arrancara um dia á lyra suavissima:

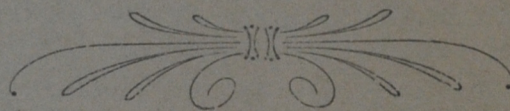
«O que tu me trouxeste em lagrimas, em dores,
A todo o instante o sinto, a toda hora me lembro...
Porem, ah! por peor que para mim tu fores,
Bemdito sejas tu, doce mez de setembro»

Deixemos cahir o ponto final nesta ligeira apreciação, que está muito longe de ser, mesmo em resumo, um estudo perfeito sobre a individualidade de Guimaraens Passos.

De momento, não nos foi possível colleccionar os dados precisos para semelhante trabalho.

Contentemo-nos, pois, em deixar ao menos, nestas linhas, a nossa corôa de saudades sobre o tumulo do meigo e desventurado poeta.

Z. B.



Umbrarum terrores

Meia noite! Nos bronzes:—Meia-noite!
E medroso caminho pela rra...
—Por mais,— diz um Phantasma,—que se afoite
Esse pobre mortal, treme, recúa!...

E o vento em rijo, demorado açoite,
Passa ganindo na ironia sua...
Meia noite! Nos bronzes:—Meia-noite!
E o meu passo medroso continúa...

Trémulo encontro os Mausoleus do Medo,
Vejo Avenidas Luridas e Mysticas,
Como quem viaja dentro de um Segredo...

E pesa-me sombria, pelos hombros,
Em mil danças macabras, Kabbalisticas,
Fera Legião de Lobregos Assombros!

Recife.

Braulio Cavalcante.

CHRONICA

Terá logar, no dia 4 do mez proximo, a eleição para o cargo de intendente do municipio, sendo candidatos, pelo partido governista—o dr. José Pires Rebello, e, pela opposição ou pela União Pcpular—o coronel Antonio L. Burlamaqui Ferraz. (*)

(Dos jornaes)



EIS-me, desta vez, mettido em politica, falando em eleições e conversando com o leitor, e com quem procura dizer qual o candidato mais digno de ser elevado ao alto posto de governador do nosso municipio...

O coronel Antonio Ferraz é, e ninguem o contesta, um dos mais dignos cavalheiros da nossa sociedade. O dr. José Pires, por sua vez não lhe fica inferior em nenhum plano. Moço, intelligente e muito amante desta terra que é tambem sua, elle fará, estamos certos, não sómente a felicidade da nossa capital, da nossa modesta Theresina, mas do municipio em geral.

Candidato, em bôa hora apresentado pelo partido situacionista, elle saberá corresponder, de certo, á bôa vontade dos que o vão eger.

Eu que sempre tive (e porque não dizer?!) uma especie de criminosa indiferença pelas coisas politicas da minha terra, eu, repito, não pude e nem poderia ficar indifferente no momento presente. E' que o dr. José Pires é um desses homens em quem a gente confia sempre, queira ou não queira. A sua vida, sem falar na gloriosa tradição de familia de que é elle portador, tem sido uma constante e ininterrupta serie de bôas acções, tendo sempre a guial-o muita sinceridade, uma intelligencia superior e um patriotismo a toda prova.

Haverá, pois, motivos para fugirmos das urnas, na proxima eleição de 4 de outubro? Não, absolutamente. Os que amam a sua terra, os que desejam o seu adiantamento, o seu progresso, só um dever têm a cumprir—levar o seu voto, leal, franca e decisivamente, afim de que seja eleito o candidato situacionista e assim possam se tornar em realidade as nossas aspirações, os nossos desejo.

E... eis-me, mettido em politica, a falar de eleições, embrenhado em mattas para mim tão desconhecidas. O leitor, porém, desculpar-me á tão forte audacia. E' que eu não pude e nem poderia ficar indifferente diante de tão magno, de tão importante assumpto.

E só, por hoje.

J. B.

(*) Depois de composta esta chronica, vimos que o coronel Ferraz desestira de sua candidatura ao cargo de intendente municipal, sendo escolhido para substituí-lo, o exm. sr. conego Raymundo Gil da Silva Britto.

N. da R.



Gabinete Dentario

DO

Cirurgião Dentista

José Firmino Paz

Rua Senador Pachêco—69.

Petalos

Porque te viu, a minha alma,
Deixando seu ar tristonho,
Perdeu, de repente, a calma,
Nos alvoroços do sonho.

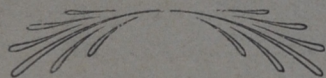
E agora, lhe envolvem, pelas
Noites brancas, luminosas,
A ternura das estrellas
E a nostalgia das rosas.

Assim, na ancia infinita
Que me não deixa um momento,
Toda enleios, te visita
Nas azas do pensamento.

Mas logo volve e, sonhando,
Vai entre suaves martyrios,
Violinando e chorando
Por alamedas de lyrios...

È tudo, porque te viu,
Porque em loucos devaneios,
Toda enlevada, dormiu
Entre a curva dos teus seios!

Celso Pinheiro.



Interesse geral.

THERESINA é, hoje, uma das poucas cidades do Brasil que não possuem ainda uma bibliotheca publica. E' uma falta gravissima, todos nós sabemos.

Que importa, porém, que todos saibam e comprehendam isto, si ninguem, nem mesmo a nossa imprensa, se occupa do assumpto, no sentido de tornal-o em realidade?!

Para os que gostam de aprender, para os que têm necessidade de consultar uma obra qualquer, as difficuldades surgem aos milhões e por tal fórma que faz recuar o mais intepido, o mais exaltado amigo dos livros. Sim, porque occasiões ha (e isto acontece sempre) em que nem mesmo no commercio encontramos a obra desejada.

Os poucos que têm, na estante, uma meia duzia de bons livros, escondem-nos avara e egoisticamente, com o justo receio de perder tão caro thesoiro.

È marchamos nós ás escuras, sem uma luz, sem um guia, nessa immensa estrada do Saber, tacteando, á semelhança dos cegos famintos, em procura de uma migalha de pão que lhes minore a fome.

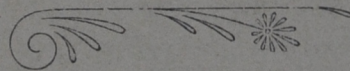
«Perguntae a úa nação ou a uma cidade qualquer pelos seus archivos, pelos seus monumentos e pelas suas tradições. E si nada disso encontrardes, podereis dizer, então, que essa nação ou essa cidade é representada por um povo sem glorias, sem ambições e sem ideaes...»

Estaremos nós nesse caso?—Não. O que precisamos, o que carecemos, é que todos trabalhem, igualmente, para o mesmo fim, para a realização da mesma idéa.

E' um costume observado, há tempos, entre nós, o não tomarmos a iniciativa do mais facil melhoramento para a nossa terra. Tudo pedimos ao governo, tudo esperamos do governo que, embora tenha a melhor bôa vontade, como acontece no momento actual, nem sempre pode satisfazer todos os pedidos, todas as ambições dos seus governados. Um auxilio, porém, estamos certos, não será negado nunca para tão justo fim—a fundação da bibliotheca publica theresinense. Unamo-nos, pois, piauihyenses amigos das letras e, mutuamente auxiliados, poderemos chegar não sòmente ao termino desta justa aspiração, mas ao fim de muitos outros melhoramentos.

Por ora, basta que trabalhemos muito e encorajadamente, para não sermos o unico povo, talvez, que não pode cantar com o meigo e tão querido Castro Alves :

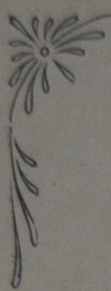
«Filhos dos se'los das luzes!
Filhos da Grande Nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão.
O livro—esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Folo de pensamentos,
Que abri'a a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou!»



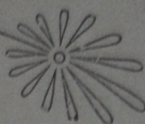
Caza—Souza Soares

Em serviços de propaganda dos acreditados productos do Estabelecimento Industrial Pharmaceutico «Souza Soares» de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, achase entre nós o nosso prestimoso amigo sr. José Adolpho Paiva, com quem tivemos a satisfação de entreter grata palestra, e podemos, com dados fornecidos, conhecer a alta representação que goza aquelle considerado estabelecimento pela sua grande importancia.

Agradecemos a delicadeza do arrojado propagandista d'aquelle estabelecimento, e desejamos-lhe felicidades na sua digna missão.



Trovas simples



Ao meu sympathico amigo dr. José Roc'a.

Tenho agora o coração
Sob o docel da alegria,
Distante da solidão
Onde em lagrimas vivia.

Porém, não mais me seduzes!
Longe de ti, que fulgores!
Sinto um barulho de luzes,
Oioço um susurro de flores...

E, como para olvidar
Da vida extincta os açoites,
Elle, a rir e a palpar,
Repete todas as noites:

Oioço uma voz que improvisa
Canções de estrellas e luares,
Juntando-se á voz da brisa
Que tem a prece dos mares.

— Estrellas que em romarias
Andaes no céu azulão,
Negae vossa luz aos dias
Do meu tristonho passado...

E esta voz feita de arminho,
Divinamente secreta,
Andá fazendo o seu ninho
Dentro em minha alma de poeta.

Desse passado em que apenas
De soffrimentos vivi;
E, ao peso de tantas penas,
Nem sei cómo não morri...»

Ouvindo-a sempre, em deliries,
Eu vou feliz vida em fôra,
Compondo versos aos lirios,
Cantando hymnos á aurora...

Vae-se a voz e eu vou seguindo
A minha alegre viagem,
Dos teus olhares fugindo,
Fugindo da tua imagem.

Vendo' em placidos concilios,
Saudarem-me os passarinhos
Que entre beijos e entre idilios
Discütem pelos caminhes...

Mas levo ainda a lembrança
Desse tempo em que te amava,
E como ingenua creança
Por ti somente eu chamava...

Saudarem-me os verdes prados,
Roseiraes em vibrações,
Cheios de cantos gorgeiados,
Carregados de botões.

Desse tempo solitario
Em que, durante uns seis annos,
Chorei, levando ao calvario
A cruz dos meus desenganos.

Adeus! Não mais me consomem
Illuzões que eu tanto quiz...
Já não sou o mesmo homem
Que tu fizeste infeliz.

Sim, num louco desvario,
Com tanto amor chorei tanto
Que não sei bem como um rio
Não se formou de meu pranto.

Longe de ti, em delirios,
Eu vou feliz vida em fôra,
Compondo versos aos lirios,
Cantando hymnos á aurora.

Antonio Chaves.

Mãos ventos

Ao querido Jonathas Baptista, maviioso belletrista da roda dos fortes.

Nenho a mais vaga reminiscência do tenente Malaquias das Virgens, excursionista remunerado pela mercê de Deus, na grande colheita de progressos menos rotineiros.

Sertanejo excessivamente communista, era esse homenzinho de pernas tortas, de indole passiva, de expressa cabelleira de fios longos, o chicaneiro, mais rebelde cocheado com interesse no seio da terra maternal, onde occupava o elevado cargo de Juiz de Fôra.

O adorado Tenente, intoleravelmente letrado e admirado com muito respeito pelos seus adeptos, ia sahir numa peregrinação penosa. Em toda a villa se falava, com interesse palpitante, nessa viagem extraordinaria e na bella figura que lhe estava destinada fazer lá por fóra, nas outras villas.

O dia inicial dessa jornada constituia a alta p.occupação dos seus admiradores.

* * *

Nas grimpas do horisonte se levantava uma dessas manhãs de céu longemente nublado. O vento corria fresco, soprado com brandura aquellas casas seculares, que pareciam inhabitadas ha vinte frios annos.

Cêdo, muito cêdo ainda, chegavam á tôsca morada do tenente, os seus velhos amigos, uns de casaca que aderiam a cor do tempo e outros de calças curtas e gibão a tiracollo, montando os cavallos mais famosos e ardegos. As mulheres ataviadas, trajando as chitas mais finas que vinham áquelle recanto tradicional, iam, com indizível prazer, tomar parte no bota fóra do grande reformador das coisas de seu meio.

O famoso Tenente, rodeado de tanta gente grada, longe de entender o que ha de peor nesse valle de lagrimas, avivava, nesse momento, a lembrança de que no meiado do mez ulterior, havia feito seguir ás mãos do chefe local mais proximo, o interessante *abaixo assignado* pelo povo:

«No sentido de realizar uma excursão scientifica, fazendo ligeira demora ali, seguirá, brevemente, o admirado Tenente Malaquias das Virgens».

A' casa do festejado itinerante já tinha affundido todo o povo da visinhança. Da cabelleira eburnea do sol já se desprendiam fios de luz ao pincar do monte.

Era sentido o choro e o lamento das mulheres e dos velhos da villa. . . e o Tenente Malaquias das Virgens ia sahindo para

longe, na sua ardua missão. . . felizmente confessado e advertido pelo vigario da freguezia, para lhe não entrarem mãos ventos. . .

* * *

A esta hora o Tenente vai longe. . . muito longe. . . murmuravam, tristemente, pessôas amigas. . . E o Tenente ia deveras longe. . . muito longe, com immensa saudade das coisas de sua terra, pensando ser a bôa indole de seu povo que muito contribuia para o grande successo de sua gloria inadiavel. Pensava, com orgulho, nas grandes manifestações e para o melhor exito confiava no espirito divino como nos bellos dotes de sua eloquencia, sempre com tolerancia e firmeza.

Merecedor de recepções honrosas, pretendia pronunciar inspirados panegyricos para honra e felicidade de um povo.

* * *

O sol faiscava, desusadamente, no ermo sertão, e o riacho vehiculo morno, passava lento beijando a verde relva agreste.

Ao abrigo de uma arvore frondosa que cobria um velho cemiterio de aldeia, desmontou-se o Tenente e ao pagem deu um pequeno bilhete, escripto a lapis, para ser entregue ao chefe da localidade. . .

Daquelle local á villa era uma legua barhada pelo sol ardente de oitubro, que foi vencida celereamente pelo jovem arreeiro.

Grande decepção!

O velho chefe leu o curioso bilhete: «O tenente Malaquias das Virgens e-tá na *Cruz das Almas* onde espe.a condigna recepção».

O chefe sertanejo fez ligeiro silencio, bateu com a cabeça, riu e disse:

«Diga que lhe mando dizer que não acceito hospedes quando estão transtornados. . .

Pobre viajero! Recostado na cruz de algum finado desconhecido, onde deveria ser o tumulo de sua illusão vencida, acendia o cachimbo, espichava os grandes olhos rasgados á curva do caminho, e o fumo espesso á frente das baforadas frequentes, figuravalle, em transito, muitos cavalleiros na estrada. . .

—Como o seu povo era máo!

—Como a ignorancia é amara, talvez dissesse o sol lhe encandecendo os olhos. . .

—Pobre excursionista!

Retornou, trazendo a má noticia, o jovem arreeiro, e o Tenente Malaquias das Virgens regressou, da *Cruz das Almas*, com lagrimas nos olhos, ao seio da terra maternal, conscientemente convencido de que nessa jornada penosa, só lhe não entraram mãos ventos!

Burão M. . .

Os Passarinhos

Oh! como eu amo os lindos passarinhos!

Ursula Garcia.

Amo-os assim, tão mansos, tão mimosos,
Os seus doces clarins sempre vibrando,
Quando o sol com seus raios luminosos
Vai a terra de luz loira inundando...

Amo-os assim alegres, descuidosos,
Entre verdes folhagens saltitando,
Os doces pomos d'oiro, em mui graciosos
Modos g'azis, intrepidos beijando...

E como é bello, cheios de cuidados,
Vel-os catando á beira dos caminhos,
Migalhas de alimentos, e apressados

Regressarem dispersos a seus ninhos
Desatando uns tão limpidos trinados...
«Oh! como eu amo os lindos passarinhos!»

Setembro—1909.

Solon Furtado.

Um conselho

Ser critico hoje em dia é uma cousa muito natural.

Qualquer sujeitinho, sem competencia muita vez para analysar um periodo grammatical como acontece com o de quem vou me occupar um minuto, logo que se vê cur-sando uma Academia (quasi sempre de Direito), considera-se um sabio e, prompto! eil-o presumido no campo da critica a dizer mal de toda obra que encontra e a repetir sempre as mesmas asnicas, a torto, a torto ainda, porque não pode ser a direito.

Quando, em 1908, estive em Fortaleza, em visita a um parente, tive occasião de ver que o meio literario do Ceará é inferior ao nosso. Porém não me admirei disso, porque em uma terra onde a politica absorve tudo, é claro que até mesmo as mulheres vivam de politica. Foi lá que um dia, passeiando, pela rua Floriano Peixoto, apontaram-me um tal maromba cearense que responde pelo nome massudo de José Carlos de Mattos Peixoto, bacharel burrificado ultimamente na já celebre «faculdade de direito» dallí, e o mais inibecil mentecapito capacho do sr. Acioly.

De facto. A figura banal desse manequim de quitanda, tendo a ferir-lhe as ventas de asno nupinze-nez a Dom João de ce-roulas, affigurou-se-me deveras a de uma

grandississima besta de carga, em tempo de secca.

Entretanto é esse toleirão de meia figa que se atreve a dizer, pelo *Republica* do Ceará, que o *Poema da Magua* de Antonio Chaves não vale nada, é uma porcaria cheia de cacophatons, & &. Algum dia você soubeo que a vem ser cacophaton, sr. José Carlos Peixoto? Deixe essa mania nojenta de querer conhecer versos, deixe igualmente o fardamento de bacharel desqualificado e nullo, e vá vender verduras no mercado publico, que, de certo, não verá seu tempo perdido.

Si não acceita o meu caridoso conselho, pode continuar na sua faina miseravel de chaleirista podre, porém, nunca mais fale sobre livro de ninguem, visto que só tem competencia para andar de rastros beijando os pés daquelles que lhe dão os meios necessarios para uma migalha de pão.

Quem ler a sua apreciação ao livro referido ficará, logo, conhecendo o alto e incontestavel valor da sua grande nullidade. É por isto que eu tenho a compaixão de avisar-lhe que não se esqueça do meu conselho. No mercado publico de Fortaleza já deve estar reservado um logar para as suas verduras... ou mesmo ovos de gallinha... Não perca oportunidade, meu dom Quixote inibecil... Os tempos andam bicudos.

*Therézina.**Gomes da Silva.*

ar

Serenata de dom João

(Ao Odylo e Santos)

*

Virgens incautas, tremei, tremei,
Ao som dolente desta canção...
Eu sou, formosas, sabeí, sabeí,
Eu sou dom João.

*

Nos meus olhares—quanta magia!
No meu sorriso—quanto dulçor!
Promette sempre vida e alegria
O meu amor.

*

Ando, alta noite, nesta vióla,
Cantando alegre. Que serenata!
Desta minh'alma louca se evóla
Canção de prata.

*

Mulheres lindas (disto eu me gabo)
Procuro sempre. Que tentação!...
Déra por ellas minh'alma ao diábo,
Sem commoção.

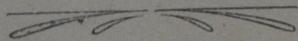
*

Adoro uns olhos amortecidos,
Languidamente, sempre a scismar...
Promettem gosos nunca sentidos,
Fazem peccar.

*

Ouvi, morenas; ouvi, formosas,
O som plangente desta canção...
Vinde, queridas, oh! lindas rosas,
Ouvir dom João.

Jonathas Baptista.



Coronel Emilio C. Burlamaqui

Completo annos, no dia 28 deste mez, o exm. sr. coronel Emilio Cesar Burlamaqui, Deputado estadual e Delegado Fiscal do Thesouro Federal, no Piahy.

Cavalheiro de elevadas qualidades, intelligente, prohiboso e activo, o digno anniversariado é um dos mais bellos ornamentos da nossa sociedade, que o respeita e admira sinceramente.

O coronel Emilio até pouco tempo, exerceu, entre nós, o elevado cargo de Intendente do Municipio, de onde sahio para o desempenho da honrosa commissão con-

ha pouco, ao sen fino criterio de adm-

elo actual Ministro da Fazenda.

inda, em a nossa memo-

ria o modo correcto porque s. exc. se conduzio durante a sua passagem pela nossa edilidade,

Como politico, o coronel Emilio é um dos mais fortes esteios do valoroso Partido Republicano, a cuja causa s. exc. tem servido com uma dedicação a toda prova.

E embora a natureza do cargo que exerce, actualmente, o tenha afastado, por emquanto, da actividade politica, ainda assim, repetimol-o, s. exc. é um grande e valiosissimo elemento no seio do mesmo Partido.

Justifica-se, por tudo isso, a calorosa manifestação de apreço feito a s. exc. por occasião do seu natalicio.

Alvorada mais uma vez manda as suas felicitações sinceras ao coronel Emilio Burlamaqui.

PASTA MYRTIS



Attesto que tenho empregado, com os melhores resultados, na minha clinica a pasta «Myrtes» do snr. José R. da Fonseca que pelas suas excellentes qualidades tonicas, aromaticas e estimulantes colloca-se entre as primeiras congeneres.

Theresina, 10 de Setembro de 1909.

João Pinheiro.

Cirurgião-dentista.

Reconheço a firma supra do Cirurgião Dentista João Pinheiro; do que dou fé.

Theresina, 17 de Setembro de 1909.

O Tabelião Publico interino.

Samuel Cunha.